

Cidades mortas, Design Regenerativo na Serra da Bocaina *Dead Cities, Regenerative Design in Serra da Bocaina*

João Lutz, D.Sc., COPPE-UFRJ e UFF-Universidade Federal Fluminense.

joaolutz@id.uff.br

Renata Vilanova, D.Sc., UFF-Universidade Federal Fluminense.

renatavilanova@id.uff.br

Resumo

Esse artigo apresenta uma reflexão sobre o papel da arte como atividade propiciadora de transformações sociais. Um coletivo de designers, artistas, estudantes, artesãos, professores, trabalhadores rurais e empreendedores organizam, desde 2016, a Bienal de Arte da Bocaina. Acredita-se que este evento contribui para o crescimento do Turismo Sustentável na região da Serra da Bocaina, caracterizando-a como território regenerativo. O foco dessa Pesquisa-Ação está no bairro de Formoso, no município de São José do Barreiro, São Paulo. Relatamos aqui a análise e avaliação do realizado, como também algumas conclusões e perspectivas derivadas.

Palavras-chave: Design Regenerativo; Comunidades Criativas; Turismo Sustentável

Abstract

This paper presents some thoughts on the role of Art as an activity that may lead to social transformations. A group of designers, artists, artisans, teachers, entrepreneurs and rural workers organizes, since 2016, an arts exhibition named BIBO-Biannual Bocaina Art. The actors engaged in this enterprise believe it may result in the development of Sustainable Tourism in Serra da Bocaina, transforming the region into a regenerative territory. The focus of this Participatory Action Research is in the Formoso neighborhood, located in São Jose do Barreiro, São Paulo-Brasil. Some conclusions and possible future developments are also discussed and presented.

Keywords: *Regenerative Design; Creative Communities; Sustainable Tourism*

1. Introdução

São Jose do Barreiro é um pequeno município paulista com cerca de 4.000 habitantes e localizado no sudoeste do estado de São Paulo. Qualificado como Estância Turística pelo governo estadual, integra a RIT-Região de Interesse Turístico do Vale Histórico paulista, juntamente com as cidades de Cruzeiro, Lavrinhas, Queluz, Silveiras, Areias, Araçoiaba e Bananal.

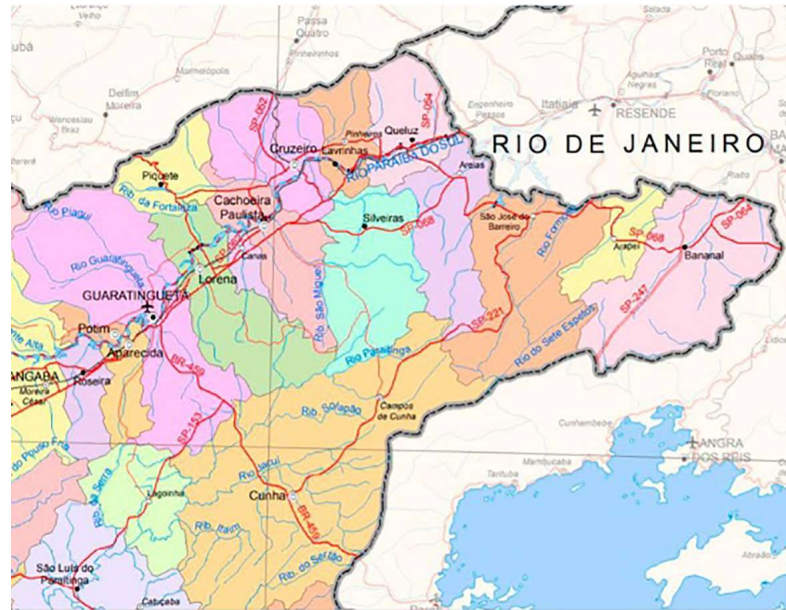


Figura 1: Recorte da região Administrativa de Cruzeiro com os 8 municípios que formam a RIT do Vale Histórico Paulista. Fonte: Mapa do Estado de São Paulo (IBGE 2015) tal como citado no Plano de Desenvolvimento Turístico de São José do Barreiro.

O Vale Histórico Paulista localiza-se no Vale do Rio Paraíba do Sul, nos contrafortes da Serra do Mar, que na região é conhecida como Serra da Bocaina. As cidades paulistas que compõe a referida RIT, especialmente aquelas encontradas ao longo da Rodovia SP068, representam as Cidades Mortas. Designação criada por Lobato para designar locais onde “Alli tudo foi, nada é. Não se conjugam verbos no presente. Tudo é preterito.” [1]

Essa alcunha deriva da decadência econômica e estagnação cultural causada pelo fim do ciclo cafeeiro, a partir de meados do século XIX, no Vale do Rio Paraíba do Sul. Desde o início do ciclo do café na região (final do século XVIII), a combinação do latifúndio com o desmatamento, a monocultura e a escravidão resultaram numa paisagem ecologicamente degradada. A derrubada da Floresta Atlântica que cobria o vale e gerava sua fertilidade desnudou o solo, submetendo suas camadas superficiais à ação erosiva das chuvas e do sol tropical. A matéria orgânica depositada ao longo de séculos se perdeu e com ela a fertilidade do solo. O fim da escravidão no Brasil, em 1888, representou o golpe final para a derrocada dos “barões do café” no Vale do Paraíba. As fazendas tornaram-se economicamente insustentáveis e muitas foram negociadas a preços baixos, vendidas especialmente para criadores de gado vindos das Minas Geraes.

Os escravizados foram abandonados à própria sorte e os documentos relativos à escravidão foram queimados por determinação do “A Águia de Haia”.

“Em dezembro de 1890, menos de dois anos após a abolição da escravatura, o então ministro da Fazenda da República, Ruy Barbosa, assinou um despacho oficial ordenando que toda documentação relativa à escravidão fosse enviada ao então Distrito Federal para ser destruída. A iniciativa à época despertou toda sorte de críticas. No texto, Ruy Barbosa dizia que ordenava a destruição porque a “República era obrigada a destruir esses vestígios por honra da pátria e em homenagem aos deveres de fraternidade e solidariedade para com a grande massa de cidadãos que com a abolição do elemento civil entraram na comunidade brasileira”.”[2]

Para alguns historiadores porém, Ruy Barbosa agira para impedir que os proprietários de escravos dispusessem de documentação que pudesse ser usada para fundamentar pedido de indenização por conta da emancipação dos escravizados. [2]

Na Inglaterra, quando do fim da escravidão, o Estado indenizou os proprietários de escravizados. A partir de 1838 os 46.000 proprietários de escravizados receberam cerca de 17 bilhões de libras como indenização pela perda da propriedade de 800.000 escravos africanos. Foi a maior indenização feita pelo Estado inglês até 2009, quando se deu a indenização aos bancos. [3]

A pecuária sucedeu as plantações de café e o “mar de morros” [4], um dos domínios de natureza brasileiros, foi gradativamente sendo coberto por gramíneas forrageiras. Hoje as pastagens, principalmente de braquiária, cobrem a região do Vale Histórico. A braquiária é de origem africana, das regiões tropicais como Zaire e Kenya. Foi introduzida no Brasil nos anos 60 na Amazônia e expandiu-se para todas as regiões tropicais e subtropicais do Brasil. [5]

Outro evento contribuinte para a estagnação da região foi a inauguração da Rodovia Presidente Dutra (BR116) em 1958. Essa rodovia substituiu a antiga ligação entre Rio de Janeiro e São Paulo, às margens da qual estão as Cidades Mortas. Estas ficaram ainda mais distantes do novo eixo de desenvolvimento propiciado pela BR116. Apesar da decadência econômica, o isolamento das Cidades Mortas trouxe consequências positivas como a preservação de áreas florestadas e a manutenção de um modo de vida associado ao Tropeirismo [6]. Aspecto também positivo foi a criação, em 1971, do Parque Nacional da Serra da Bocaina (PNSB). Importante Unidade de Conservação com 104.000 hectares de Mata Atlântica, cuja sede está localizada em São José do Barreiro. Em 1992 a Serra da Bocaina, com destaque para o PNSB, foi reconhecida como Reserva Mundial da Biosfera pela UNESCO. [7]

É nesse contexto que um grupo de atores com diversas formações profissionais decidiu se engajar e agir, almejando o desenvolvimento de atividades ligadas às tradições regionais e a novas oportunidades vinculadas às chamadas Comunidades Criativas [8]. Esse grupo inclui designers, artistas e artesãos, professores universitários, empreendedores e trabalhadores rurais, todos ligados por moradia, trabalho ou afeto ao território da Serra da Bocaina. A formação do grupo se deu em função dos resultados e articulações derivadas do curso “Ideal de formação de lideranças” promovido pelo SEBRAE no Vale Histórico, em 2008. Ao final do curso alguns dos participantes decidiram fundar uma organização para congregar esforços direcionados ao desenvolvimento do Turismo na região. Surgiu então a ARCCO-Associação Roteiros Caminhos da Corte, que desde 2010, atua no território com esse objetivo. Alguns dos associados da ARCCO, a partir da discussão do contexto aqui apresentado e considerando ainda iniciativas turísticas bem-sucedidas em outros territórios, como a FLIP - Festa Literária Internacional de Paraty e o Festival Vale do Café em Vassouras, optaram pela criação de um evento ligado às artes plásticas, a BIBO - Bienal de Arte Bocaina.

A primeira edição da BIBO deu-se em 2016 e reuniu em São Jose do Barreiro, no sítio São Jose, obras de estudantes de diversas disciplinas do curso de design da UFF e de um artista da cidade de Silveiras. A segunda edição, em 2018, seguiu o mesmo modelo, tendo sido ampliado o número de galerias e de artistas convidados. Nesta edição foram ocupadas dez galerias, algumas tendo sido construídas especialmente para o evento. As imagens que seguem apresentam o realizado (Figura 2):



Figura 2: Inauguração da Bibo 2018, galerias: Diálogos, Xilocasa, Jardins, Beira Chão, Lab e Casulo.
Fonte: elaborado pelos autores.

As duas primeiras edições da BIBO revelaram em primeiro lugar, sua importância para os estudantes, que puderam expor seus trabalhos de forma coletiva, como também participar da montagem das galerias e da produção do evento como um todo. Em segundo lugar, para os

artistas convidados, o compromisso de produzir para expor seus trabalhos em galerias individuais, representou uma oportunidade de amadurecimento artístico em suas trajetórias pessoais. Para a equipe que coletivamente criou e gerencia o evento, essas duas edições da BIBO, permitiram avaliar o funcionamento das instalações no sítio São Jose: das galerias, dos jardins com suas instalações e iluminação, da cozinha, cantina, banheiros, sonorização e alojamentos. As BIBOs de 2020 e 2022 não puderam ser realizadas devido as condições e consequências da pandemia de COVID.

Os resultados dessas duas primeiras edições da BIBO baseiam o projeto de sua próxima edição, prevista para 2025, e reforçam a continuidade do uso da Pesquisa-Ação como método de trabalho.

2. Procedimentos metodológicos.

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e na qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. [9] O problema para o qual se busca uma solução é a estagnação cultural e a falta de trabalho gratificante, para a juventude do Vale Histórico. Trata-se de um problema complexo, que imbrica aspectos econômicos, sociais e culturais e, por isso, um primeiro passo metodológico é a ampliação de sua compreensão.

Para assim proceder, foram realizadas em 2023, entrevistas com 16 atores envolvidos com atividades econômicas diversas na região. A tabela a seguir apresenta o perfil dos entrevistados.

Entrevista	Naturalidade	Idade	Anos no território	Atividade declarada	Atividade comentada e ajustada
1	SP-SP	49	7	Produtor executivo	Proprietário de RPPN no município
2	SP (Resende)	47	7	Fotógrafo	Proprietário de RPPN no município
3	SJB	47	25	Empresário	Proprietário de empreendimento turístico ligado a alimentação no município
4	Rj-rj	34	11	Guia e professor	Proprietário de empreendimento turístico ligado a agência receptiva no município
5	Santo Andre-SP	49	10	Advogado e ambientalista	Proprietário de empreendimento turístico ligado a hospedagem no município
6	SP	46	46	Educador e gestor de patrimônio	Proprietário de RPPN no município ligada a educação histórica e ambiental
7	Petropolis-RJ	43	18	Educador e gestor de patrimônio	Proprietário de RPPN no município ligada a educação histórica e ambiental
8	BH-MG	56	30	Empreendedor	Produtor rural na região
9	SJB-SP	44	44	Empreendedor	Produtor rural na região
10	SJB-SP	39	39	Empresário	Proprietário de empreendimento comercial na região e representante do poder público
11	SP-SP	67	47	Artesão	Proprietário de empreendimento comercial na região
12	Arapei-SP	43	43	Micro-empresendedor	Proprietário de oficina mecânica na região

13	Rj-RJ	66	3	Pesquisador, curador, fotógrafo e professor	Proprietário de sítio na região
14	Niteroi-RJ	46	7	Professora e artista	Produtora da BIBO-Bienal de Arte da Bocaina
15	RJ-RJ	37	5	cozinheira, agricultora agroecológica e produtora audio-visual.	Gestora de sítio no município
16	Porto Seguro-BA	39	3	Engenheiro florestal, consultor agroecológico e educador popular.	Proprietário de sítio na região

O cenário resultante das entrevistas confirma que a principal atividade econômica na região é a pecuária leiteira que, já há algumas décadas, enfrenta desafios estruturais. A concorrência com o leite importado, as normas sanitárias para a produção do leite, o envelhecimento dos trabalhadores rurais e o desinteresse da juventude pelo duríssimo trabalho com a pecuária leiteira, compõem quadro difícil para sua continuidade como atividade econômica. A pecuária é uma atividade que emprega poucos recursos humanos. Os maiores empregadores em todo o Vale Histórico são as Prefeituras Municipais, cada uma com cerca de 400 servidores, entre indicados e concursados.

Ainda segundo os entrevistados o Turismo desponta como atividade econômica que poderá assumir maior importância como atividade econômica na região. São Jose do Barreiro tem características particulares que podem favorecer o município como referência no que concerne ao turismo. O patrimônio histórico representado pela arquitetura, a cultura sertaneja, sua gastronomia, musicalidade, as Trilhas do Ouro e a proximidade com o Parque Nacional da Serra da Bocaina são algumas dessas “vantagens competitivas”. As desvantagens competitivas estão associadas com a cultura da devastação e com uma prática política assistencialista, ligada ao “coronelismo” [10] que é herança de tempos idos baseados em monocultura, latifúndio e escravidão. Outras desvantagens são o decréscimo populacional e seu envelhecimento demográfico. Some-se a essas desvantagens uma outra: aquela que afasta, por desconfiança mútua, os antigos dos novos moradores (os “locais” dos “estrangeiros”), dificultando articulações proveitosas entre o “antigo” e o “novo”. As informações derivadas dessa ampliação da compreensão sobre o problema complexo que aqui tratamos é que embasa o planejamento para a terceira edição da BIBO.

3. Projetando a BIBO2025

A terceira edição da BIBO está sendo planejada e produzida por uma equipe que reúne atores ligados ao Departamento de Design e Tecnologia da UFF e as cidades de Silveiras, Arapeí, Bananal e São Jose do Barreiro. Decidiu-se integrar as atrações que serão futuramente instaladas em cada uma dessas cidades, de modo a configurar um evento simultâneo regional em 2025. A equipe decidiu também que, ainda em 2024, será realizado um evento preparatório, a Pré-BIBO24, no sítio São Jose, na Fazenda Pau D’Alho e no restaurante Rancho todos 3 em São Jose do Barreiro e, em Silveiras, no Atelier Entre no Paraíso. O objetivo geral desse evento é verificar o funcionamento das novas instalações e das articulações entre os parceiros nos respectivos municípios. No sítio São Jose, pretende-se verificar o funcionamento de três novas galerias e capacitar equipes locais para receber os visitantes. Será também uma oportunidade para os artistas convidados conhecerem os locais destinados a montagem das exposições.

O sítio São José é uma propriedade rural com 24 hectares localizado a cerca de 20km do centro de São José do Barreiro. No sítio está em curso um processo de regeneração ambiental que adota a agroecologia como instrumento básico de atuação. Nessa concepção a regeneração é socioambiental, incluindo não apenas a regeneração do solo, flora e fauna como também do tecido social onde o sítio está inserido. Cerca de um terço da área do sítio estará aberta para receber a terceira edição da BIBO. Nessa área mais plana, encontramos dois açudes, alguns lagos, os jardins, as galerias e as construções de apoio (sede, alojamento e chalés). A determinação da área aberta a realização da Terceira BIBO bem como a disposição da infraestrutura construída derivam da análise dos resultados obtidos nas duas primeiras edições. Foram observadas as distâncias e deslocamentos entre as galerias, o tipo de solo, a insolação, as espécies vegetais observáveis nesses deslocamentos e a impermeabilização dos telhados). Foi observada também a efetividade da sinalização interna, a de localização do sítio na rodovia e a do projeto de identidade e comunicação visual do evento como um todo. Esse trabalho de comunicação visual está sendo desenvolvido em parceria com o curso de Design da UFF.

Nos mapas “Google Earth” que seguem (figuras 3 a 4), pode-se visualizar a localização do sítio São José e zoneamento da propriedade planejado para a BIBO2025:



Figura 3: Zoneamento geral do Sítio São José. Fonte: Google Earth, modificado pelo autor.

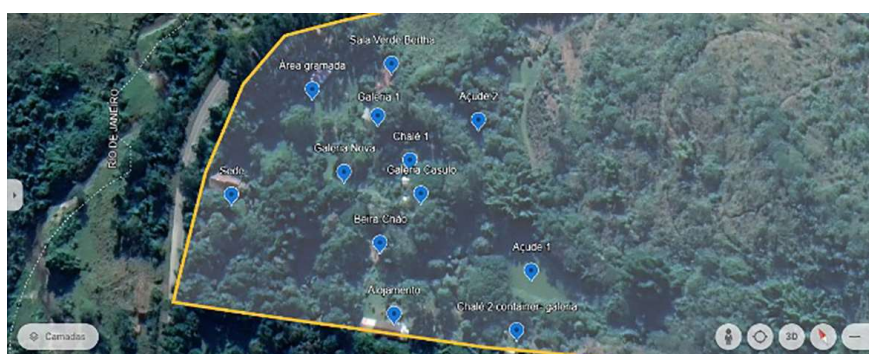


Figura 4: Área plana do Sítio São José. Fonte: Google Earth, modificado pelo autor.

Planeja-se utilizar o próprio jardim para instalações e, para material mais delicado, a Sala Verde Bertha Lutz, a galeria 01 (chamada de Laboratório), a Galeria Nova, a Galeria Casulo e o chalé 1, o Beira-Chão, o Chalé 2 *Container* Galeria e o salão do Alojamento. Importante frisar que faz parte da experiência proposta para a BIBO2025 o deslocamento dos visitantes pelo jardim entre as diversas galerias.

4. Resultados e discussões

O início da jornada de participação mais efetiva nas atividades econômicas no território da Serra da Bocaina levam naturalmente a um maior compromisso com outros atores e organizações locais e regionais. O Conselho Municipal de Turismo de São Jose do Barreiro (COMTUR SJB) é uma das possíveis instâncias de participação popular nos assuntos e decisões pertinentes ao setor do Turismo. Reconhecendo essa importância, representantes da RPPN Besouro de Fogo e do sítio São José participam do COMTUR, eleitos para representar respectivamente as áreas de Patrimônio Ambiental e Comunidade, Projetos Sociais e Associações:

As atividades turísticas envolvem serviços de organização, de alimentação, de recepção, de transporte, de hospedagem e de funcionamento de atrativos. Para que todos esses setores se beneficiem é preciso entender a atividade turística como um negócio coletivo. Mas, que tipo de Turismo existe no município? Festas populares, laicas e sacras, com música e bebida? O turismo de massa, baseado em quantidade de visitantes que passam rapidamente pelos atrativos municipais? Eventos voltados para grupos específicos como motociclistas, jipeiros, ciclistas e voadores? Um tanto de cada uma dessas possibilidades. Mas, hoje na região, os entrevistados percebem também um novo tipo de turismo emergente, com atividades conectadas com a Regeneração Ecológica. São os “estrangeiros” criando as Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN), as iniciativas ligadas com educação ambiental, a prática e disseminação da agroecologia, as feiras com produtos locais, a revalorização das sementes crioulas e da ancestralidade sertaneja, entre outras atividades emergentes.

5. Considerações Finais

Consta que Benjamim Franklin, em 1790, afirmou que “se falharmos em planejar estaremos planejando falhar” (*“If you fail to plan, you are planning to fail!”*).[11] Um bom plano deve ser flexível para ter resiliência e poder superar os imprevistos. Essa é a principal característica de um projeto participativo, no qual os pesquisadores estão envolvidos com um coletivo e participam dos problemas e das soluções propostas. A criação e desenvolvimento desse tipo de projeto estende-se ao longo de um longo período temporal e ao longo desse intervalo, as condições e os parâmetros inicialmente elencados vão se modificando. O caminho ou método para atingir um objetivo precisa as vezes ser modificado e seguir não mais uma linha direta, mas outra, sinuosa que, em ocasiões, retorna a pontos anteriores de seu desenvolvimento. Assim, os projetos BIBO25 e Pré-BIBO24 representam essa persistência, esse acreditar que coletivamente será possível encontrar soluções para os desafios.

Ao longo do percurso das edições da BIBO configuraram-se para o grupo gestor algumas oportunidades relevantes para fortalecer o coletivo nas instâncias políticas do município e do território. Entre essas cabe destacar a participação de representantes desse coletivo no COMTUR - Conselho Municipal de Turismo de São Jose do Barreiro, que é órgão consultivo e deliberativo para desenvolver a Estância Turística. O grupo gestor tem também representante no Conselho Consultivo do Parque Nacional da Serra da Bocaina. Outra decisão coletiva importante foi a criação da Sala Verde Bertha Lutz no sítio São Jose. As Salas Verdes são coordenadas pela Direção de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente e funcionam como locais dedicados as discutir soluções para questões ecológicas.

Num tempo em que se sente profundas inseguranças sobre os caminhos que a humanidade descortina para si mesma e para o planeta, percebe-se também questionamentos sobre os

resultados teleológicos das diversas profissões. Muitos *designers* que, por definição, lidam com projetos, projeções e planos para dar forma ao inexistente, ao futuro, sentem-se particularmente tocados por essas questões. Trabalha-se para sustentar o insustentável? [12] Será possível direcionar esforços para futuros menos sombrios? Alguns acreditam que uma grande ruptura ecológica está a caminho e o que se pode fazer, é a preparação para essa ruptura, fortalecendo agora as iniciativas fundamentais para o futuro. Não construindo bunkers e soluções individualistas, mas criando projetos solidários que atenuem essa transição para novos modos de vida. Considera-se que o desenvolvimento de projetos como o aqui apresentado representa um engajamento necessário de importantes equipamentos sociais, as Universidades. Essas podem coletivamente direcionar esforços múltiplos e diversos para dar resposta aos desafios postos para a raça humana e particularmente para os brasileiros.

Referências

- [1] LOBATO, M. **Cidades Mortas**. São Paulo : Edição Revistas do Brasil, 1919. Disponível em<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e3/Cidades_Mortas_%281%C2%BA_milheiro%29.pdf>. acesso em 13/03/2024.
- [2] VESSONI, A. **As histórias que Ruy Barbosa não conseguiu queimar**. Disponível em <https://jornal.unesp.br/2023/04/14/as-historia-que-ruy-barbosa-nao-conseguiu-queimar/> Acesso em 13/03/2024
- [3] OLUSOGA, D. **The history of British slave ownership has been buried: now its scale can be revealed**. Disponível em <https://www.theguardian.com/world/2015/jul/12/british-history-slavery-buried-scale-revealed>. Acesso em 14/05/2024.
- [4] AB'SÁBER, Aziz. **Os Domínios de Natureza no Brasil. Potencialidades paisagísticas**. São Paulo, Atelier Editorial, 2021.
- [5] CALDAS, J. **Braquiara muito além da alimentação**. MTb 4861/DF : Embrapa Cerrados. Disponível em<<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/31795514/braquiaria-muito-alem-da-alimentacao-animal>> . Acesso em 13/03/2024.
- [6] TROPEIRO. In: Wikipedia. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tropeiro>. Acesso em 23/04/2024.
- [7] NOGUEIRA, N. **Serra da Bocaina passa a integrar Patrimônio Mundial da Unesco**. São Paulo : Gazeta Bananal. Disponível em<<https://www.gazetadebananal.com/2019/07/serra-da-bocaina-passa-integrar.html>>. Acesso em 13/03/2024.
- [8] MANZINI, E. **Design para Inovação Social e Sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais**. Rio de Janeiro: e-papers, 2008.
- [9] THIOLENT, M. **Pesquisa-Ação nas Organizações**. São Paulo: Atlas, 1997.
- [10] LEAL, V. N. **Coronelismo, enxada e voto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- [11] FRANKLIN, B. **Citações**. Disponível em<<https://www.goodreads.com/quotes/460142-if-you-fail-to-plan-you-are-planning-to-fail>>. Acesso em 13/03/2024.
- [12] FRY, T. **A new Design philosophy. An introduction to defuturing**. UNSW Press, Sydney, 1999